

NADINE GORDIMER

O melhor tempo é o presente

Romance

Tradução

Paulo Henriques Britto

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Nadine Gordimer
Venda permitida apenas em território nacional.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

No Time Like the Present

Capa

Mariana Newlands

Foto de capa

Sound Syntax, de Karel Nel, 2008,
pó carbonífero de 540 milhões de anos e sal com pigmento vermelho,
100 x 200 cm. Coleção particular, cortesia da artista e da galeria Art First, Londres.

Preparação

Andressa Bezerra Corrêa

Revisão

Carmen T. S. Costa

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gordimer, Nadine

O melhor tempo é o presente / Nadine Gordimer ; tradução
Paulo Henriques Britto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2014.

Título original: No Time Like the Present

ISBN 978-85-359-2427-5

1. Romance inglês — Escritores sul-africanos I. Título.

14-03918

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura sul-africana em inglês 823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Glengrove Place. Não é um vale (*glen*) e não há nenhum arvoredo (*grove*). O nome certamente foi dado por algum escocês ou inglês em referência à sua terra, que ele deixou para trás quando ganhou dinheiro nesta cidade a mais de mil e quinhentos metros de altitude e entrou no mercado imobiliário.

Mas era um lugar. Um lugar onde eles podiam morar juntos, num tempo em que em lugar nenhum era possível fazer isso legalmente. O aluguel do apartamento era alto para os dois na época, porém o preço incluía uma certa cumplicidade da parte do proprietário do prédio e do zelador; nada é de graça quando pessoas respeitadoras da lei correm algum risco de violá-la. Como locatário, ele tinha o tipo de nome inglês ou europeu que não diferia da maioria dos outros nomes nas caixas de correio dos moradores, ao lado do elevador na entrada; lá havia um cacto num vaso, em vez do arvoredo. Ela era apenas a “sra.” acrescentada como apêndice. Eles *eram* casados, de verdade, embora isso também fosse ilegal. No país fronteiriço onde ela se exilou para poder estudar, e ele, um jovem branco cuja militância política

o obrigava a desaparecer da universidade da cidade por algum tempo, eles dois, afoitos, ignorando a consequência que seria inevitável quando voltassem para seu país, se apaixonaram e se casaram.

De volta à África do Sul, ela foi trabalhar como professora numa escola particular administrada pelos padres de uma ordem católica tolerada à margem da educação pública racialmente segregada, onde podia usar seu sobrenome de nascimento com base em princípios não raciais.

Ela era negra, ele era branco. Nada mais importava. Identidade era só isso, naquele tempo. Simples como as letras negras nesta página branca. Por causa dessas duas identidades, eles transgrediam. E conseguiram se dar bem, mais ou menos. Não eram tão visíveis, nem politicamente tão conhecidos, que valesse a pena processá-los nos termos da Lei da Imoralidade: melhor seria mantê-los em observação, segui-los, por um lado, na expectativa de que deixassem pistas que levassem a militantes de mais peso, ou pela possibilidade de que fossem recrutados para fazer relatórios referentes ao seu nível de envolvimento, fosse o de dissidentes ou o de revolucionários. Na verdade, ele era um daqueles que, quando estudante, fora abordado discretamente com indiretas sutis baseadas no patriotismo ou, talvez, na suposição igualmente natural de que os jovens precisam de dinheiro, tendo sido deixado claro que ele não deveria se preocupar, pois sua segurança pessoal estaria garantida, bem como sua situação financeira, se ele se lembrasse das coisas que eram ditas nas reuniões a que ele estava presente e desempenhava seu papel. Engolindo uma golfada de repugnância e imitando o tom da abordagem, ele recusou a oferta — sem que o homem se desse conta de que a rejeição não era apenas da oferta, mas também da pessoa que se prestava ao papel de cafetão da polícia política.

Ela era negra, mas isso agora é muito mais complexo do que

o início e o fim da existência conforme registrada num arquivo ultrapassado de um país ultrapassado, muito embora o nome permaneça o mesmo. Ela nasceu naquele tempo; seu nome é uma assinatura do passado de sua origem, batizada na igreja metódista em que um de seus avôs fora pastor, e seu pai, diretor de uma escola local para meninos negros, era presbítero, sendo sua mãe presidente da sociedade feminina da igreja. A Bíblia era a fonte do primeiro nome de batismo, seguido do segundo, africano, o qual as pessoas brancas — que a criança teria que aprender a agradar, e com quem teria de lidar neste mundo — não associavam a nenhuma identidade. Rebecca Jabulile.

Ele era branco. Mas também isso não é tão definitivo quanto era codificado nos arquivos antigos. Nascido na mesma época, uns poucos anos antes da mulher, ele é um branco misturado — uma mistura que não tinha nenhuma importância desde que os elementos fossem todos brancos. Na verdade, a mistura dele é bem complicada em certos termos de identidade que não são determinados pela cor. Seu pai era gentio, não religioso, cristão apenas nominal, e sua mãe era judia. A identidade da mãe é decisiva na identidade de um judeu, a mãe cuja relação com a criança concebida está acima de qualquer dúvida. Se a mãe é judia, então o filho também pertence à fé, o que naturalmente implica a circuncisão ritual. O pai, é claro, não fez nenhuma objeção, e talvez, como muitos agnósticos e até mesmo ateus, no fundo tivesse inveja daqueles que praticam a ilusão de uma fé religiosa — ou então estava apenas fazendo a vontade da mulher que amava. Se era isso que ela queria, se era importante para ela de uma maneira que fugia à sua compreensão... Que o prepúcio fosse cortado!

Houve uma era paleozoica, uma era mesozoica, uma era cenozoica.

Era como o fim de uma era. Sem dúvida, nada menos do que uma nova era em que a lei não se baseia na pigmentação, qualquer pessoa pode morar e se deslocar e trabalhar em qualquer parte de um país que é comum a todos. Essa era foi inaugurada por algo que atende pelo nome convencional de “Constituição”. Apenas um vocabulário grandioso pode conter o significado para os milhões de pessoas que não tinham reconhecido nenhum dos direitos designados pela palavra *liberdade*.

As consequências são muitas entre os aspectos dos relacionamentos humanos que antes eram restringidos por decreto. Nas caixas de correio dos moradores há alguns nomes africanos: um médico, um instrutor na universidade e uma mulher que está fazendo carreira na área dos negócios. Jabulile e Steve podiam ir ao cinema, comer em restaurantes e ficar em hotéis juntos. Quando deu à luz a filha do casal, foi numa clínica onde ela não poderia entrar — antes. É uma vida normal, não um milagre. É fruto dos conflitos humanos.

Ele se interessava por ciência desde a infância, e formou-se em química industrial. Seus pais viam nisso ao menos alguma possibilidade de um antídoto, uma garantia para o futuro, em contraste com suas atividades de esquerda contra o regime que o obrigavam a desaparecer, ao que parece em algum lugar do outro lado da fronteira, durante certos períodos; ele teria uma profissão respeitável. Seus pais jamais viriam a saber o quanto era útil aquele seu conhecimento dos elementos químicos para o grupo que estava aprendendo a fazer explosivos, para serem utilizados em alvos como instalações de força. Quando Steve se formou, o primeiro emprego que encontrou numa grande fábrica de tintas foi sem dúvida uma ótima fachada para uma forma de vida suspeita, tanto no plano político quanto no sexual.

Ambição. Naquele tempo, o tempo de antes, não se podia pensar em termos do que se queria mesmo fazer na vida. A bússola interior apontava a toda hora para o único polo: enquanto não terminasse aquela distorção da vida humana em comum, não havia espaço para um sentido na realização pessoal, escalar o monte Everest ou ficar rico, tais coisas eram fugas da realidade, sinais indecentes de que se estava do lado dos que não queriam mudanças.

Agora não havia motivo para que Steve continuasse a pesquisar os progressos na durabilidade da tinta utilizada em novas variedades de construções e em decoração, em telhados e jukeboxes, quartos de residências e carros conversíveis. Ele pensou que poderia ter voltado à faculdade para aprofundar seus conhecimentos de outros ramos da química e da física que não se restringissem às aparências. Mas havia uma criança que ele e a mulher precisavam prover de um lar. Ele fazia um bom trabalho mesmo sem muito interesse; não havia mais o estímulo de outrora, a consciência de que ao mesmo tempo que mantinha (literalmente) as aparências para a indústria branca, ele estava pro-

duzindo explosivos para detonar o regime. A empresa tinha muitas filiais espalhadas pelo país, ele já ocupava um bom cargo naquela sede em que havia iniciado a carreira. Se não tomava a decisão, que continuava em sua cabeça, de trocar a química de tubo de ensaio pela outra, entre seres humanos, de caráter não governamental e sem fins lucrativos, ao menos trabalhava como voluntário, algumas horas por semana, numa comissão que estudava os títulos de propriedade reivindicados pelas comunidades que haviam sido despossuídas no regime antigo. Jabulile fazia cursos por correspondência, de economia e direito, e como voluntária era secretária de um grupo de mulheres ativistas que atuava contra agressões dirigidas a mulheres e crianças. A pequena Sindiswa frequentava uma creche; o pouco tempo que lhes restava, eles passavam com ela.

Estavam sentados na varanda do apartamento em Glengrove Place logo depois do pôr do sol, em meio às roupas da menina penduradas para secar. Uma motocicleta rasgou a rua como quem rasga uma folha de papel.

Os dois ergueram os olhos, naquele silêncio compartilhado, a boca de Jabulile retorcida, a curva das sobrelanceiras traçada a lápis levantada sob sua testa lisa. Era a hora do noticiário; o rádio estava no chão, ao lado da cerveja de Steve. Mas, em vez de ligá-lo, ele falou:

— A gente devia se mudar. O que você acha? Ter uma casa. —

— Como assim? —

Ele está sorrindo, um sorriso quase condescendente. — O que eu falei. Casa... —

— A gente não tem dinheiro. —

— Não estou falando em comprar. Alugar uma casa em algum lugar. —

Ela traçou um semicírculo com a cabeça, tentando acompanhar os pensamentos dele.

— Um dos subúrbios onde os brancos foram embora pra ir morar nesses condomínios fechados. Uns camaradas encontraram lugares pra alugar. —

— Quem? —

— O Peter Mkize, eu acho. A Isa e o Jake. —

— Você já foi lá? —

— Claro que não. Mas o Jake me disse na quinta-feira, na Comissão, que eles estão alugando uma casa perto de uma escola boa, onde os filhos podem estudar. —

— A Sindiswa não precisa de escola. — Ela riu, e, como se concordando com ironia, a criança soluçou enquanto comia um biscoito.

— Diz ele que as ruas de lá são tranquilas. —

Então foi o rasgo da motocicleta que abriu caminho para aquele pensamento.

— Lá tem árvores velhas. —

Nunca se sabe quando se consegue deixar para trás por completo a bagagem da vida antiga, que volta inconscientemente: o que veio à mente do marido dela agora são alguns dos privilégios do subúrbio branco onde ele foi criado. Ele não sabe — mas ela sabe — que no fundo de sua consciência está a casa dos Reed, cujo isolamento da realidade ele deixou para trás de uma vez por todas. Como poderia ela não entender? Ali mesmo, quando está concretizando sua liberdade e independência, e um dos seus irmãos, o mais velho, naturalmente, se opõe à opinião dela referente a algum comportamento da família por ser ditada pelo costume, ela constata que aquilo que seus estudos por correspondência denominam de “voz atávica da submissão” substitui a voz que sai de sua garganta.

Steve diz, enquanto carrega Sindiswa, levantando-a bem al-

to, como um avião, até a cama (o pai cuidando dos filhos é uma coisa da qual a geração mais antiga, tanto os brancos quanto os negros, também se segregava): — Ela vai precisar de uma boa escola em pouco tempo. —

Nas horas escuras e contidas de silêncio, duas, três da madrugada, não se sabe o que se passa no ritmo mental da pessoa que respira a seu lado. Talvez tenha atravessado seu inconsciente um eco do que despertou a ideia naquele pôr do sol uma semana — uns dias — atrás.

Jake Anderson telefona para perguntar se seus camaradas se esqueceram dele e de Isa nos últimos tempos, se não querem ir lá no domingo — se esse convite é a resposta a uma sugestão do homem que dormiu a seu lado, ela não sabe. Seja como for, eles puseram Sindiswa no carro, além de duas garrafas de vinho, e pegaram a autoestrada, virando numa saída que não lhes era familiar. Foram dar num bairro com ruas onde se debruçavam aroeiras esparsas, curvadas com a idade, e árvores que pareciam ser jacarandás, mas não em flor, com raízes que deformavam as calçadas. Todas as casas revelavam sua origem em algum detalhe de reforma: a varanda na frente, os quartos dispostos dos dois lados sob o telhado rígido de zinco; se bem que em algumas havia acréscimos, fachadas de vidro com portas de correr, feitos de algum modo no espaço de cada lote estreito, entre os muros ou cercas cobertas de trepadeiras que definiam os limites entre vizinhos. Aparentemente seguindo as instruções dadas por Jake, Steve diminuiu a marcha ao passar pelo que parecia ser uma pequena igreja de tijolo vermelho cujo pináculo se destacava entre as casas, mas que, quando o carro passou por ela para virar à esquerda, revelou uma piscina instalada onde deveria ser sua varanda, e três ou quatro jovens, ou talvez homens mais ve-

lhos firmemente aferrados à juventude, com sungas que eram simples tangas, dançando e jogando-se uns contra os outros na água, ao som de reggae a todo volume. Nos jardins pequenos de outras casas, as bicicletas, cadeiras de jardim e equipamento de churrasco que eram de esperar. Uma delas era de Jake. A varanda tradicional havia sido estendida numa pérgula coberta por uma videira. Havia um carro e uma motocicleta na rua junto ao portão, claramente uma festa. Mas não, apenas alguns camaradas se reunindo, embora agora eles seguissem caminhos diferentes.

São todos jovens, mas é como se fossem velhos vivendo no passado, no tempo em que tudo aconteceu. Sua experiência de vida definida: *agora* é tudo que veio depois. Detenções, histórias do acampamento em Angola, o mal-entendido com os cubanos que vieram — tão determinados, idealistas e corajosos — para dar apoio à Luta arriscando a própria vida, os conflitos de personalidades, hábitos pessoais no isolamento das células, tudo isso encerrado no companheirismo do perigo, a presença da morte sempre a bisbilhotar por perto, no deserto, no mato. Peter Mkize está presente nessa reunião dominical, manejando com muita perícia as costelas e salsichas na churrasqueira de carvão debaixo da videira, com uma cerveja na outra mão. Seu irmão foi um daqueles que foram capturados e mortos, seus cadáveres desmembrados e queimados num *braaivleis** por soldados sul-africanos brancos bêbados, e jogados no rio Komati, na fronteira com Moçambique. Que essa história não lhe volte à mente enquanto ele gira nos espetos as salsichas para os camaradas.

Agora tudo é depois.

Steve sente que um fôlego de rejeição sai de seus pulmões. O que eles fizeram naquele tempo, alguns daqueles presentes

* Refeição ao ar livre em que se come churrasco. O termo às vezes é abreviado para *braai*. (N. T.)

muito mais corajosos e suportando suplícios muito piores do que qualquer risco que ele tenha corrido, qualquer risco que Jabu, ela própria negra, vítima inevitável, tenha assumido... Será mesmo o somatório de sua experiência de vida? Para afastar-se desse pensamento, ele levanta uma questão pessoal. — Jake, onde é que é a tal casa que você estava me falando? Quería dar uma olhada nela. —

— Tudo bem, tem muito tempo. Toma mais um copo desse vinho ótimo que você trouxe, enquanto o sol se põe. —

Jabulile sorri, a condescendência da intimidade. — Ele de repente cismou de mudar. —

Mudar. Isso mesmo, vamos mudar. — É aqui nesta rua? —

— Não, mas vamos ser vizinhos assim mesmo. É duas casas depois de onde você entrou na nossa rua. —

— Antes daquele lugar estranho que parece que foi igreja? Tinha uns caras lá dançando numa minipiscina. —

— Era igreja mesmo, isso aqui é um tradicional subúrbio *bôer ware*,* *cafre* não podia chegar perto de Jesus no altar do *apartheid*, *blankes alleen*.** —

Todos rindo, libertos do passado. Mãos espalmadas levantadas e cabeças abaixadas, fingindo responsabilidade pela culpa da geração dos pais. Pierre du Preez foi quem veio na motocicleta enfeitada parada à frente, paramentada como uma carruagem real, lados reluzentes, selim esculpido, ornada de frascos e ponteiros. Ele é um *africânder* que não se ofende com as brincadeiras, tal como Mkize não se ofende ao ouvir a palavra proibida: *cafre*.

— Quem são esses novos donos festeiros? —

Pierre responde a pergunta de alguém. — É uma das nossas famílias gays. —

* “De verdade”, em *africânder*. (N. T.)

** “Só [para] brancos”, em *africânder*. (N. T.)

Mais risos: é a blasfêmia final, entronizada.

Jake faz sinal para Steve, deixando que Isa cuide dos camaradas. Jabu, por sua vez, faz sinal de que está se divertindo e não quer ser interrompida, mas o braço de Steve, suave e decidido, a envolve e os três saem, sem chamar a atenção dos outros, passando pela piscina da igreja e chegando à rua seguinte, para ver a casa com a placa de VENDE-SE OU ALUGA-SE.

— Que merda, hoje não estão mostrando, normalmente no fim de semana... Cadê o corretor? Espero que ninguém já tenha passado a mão nela depois que eu te falei. —

— Morar atrás de um muro com espetos em cima. — Steve não contava com essa.

Através do portão de ferro batido, dava para ver alguma coisa do que estava lá dentro. Uma representação modesta do contexto da casa em que ele foi criado: um jardim com pedras e babosas em flor, um jacarandá, gramados bem cuidados ladeando o caminho que dá na escadinha e na porta da frente. Nenhuma pista que aponte para os moradores antigos... Ah, sim, uma churrasqueira de *braivleis* e um canil com apenas metade do telhado ainda no lugar.

— Tem uma garagem nos fundos, outro portão e, acredite ou não, um galinheiro. — Jake está fazendo o papel do corretor interessado, pois quer criar alguma espécie de comunidade a partir dos camaradas dispersos, nesse subúrbio arrancado do passado.

De volta em Glengrove Place, Steve segura a toalha enquanto Jabu convence a menininha a sair do banho. Na névoa de vapor, a voz dele suaviza-se, mais uma reflexão do que uma pergunta, ele não quer pressioná-la:

— O que você achou? —

A reunião, a casa, a igreja transformada em comunidade gay como algo de que rir juntos; e uma coisa que não pode ser evitada, o futuro prático em que não se tinha tempo para pensar, no refúgio de Glengrove, antes.

Ela é uma pessoa objetiva, sempre capaz de ocupar as mãos com uma tarefa enquanto a cabeça está ativa em outro lugar. — É uma bela casa, olhando assim só de fora. —

— É claro que vou pedir que o corretor nos leve lá, ou então nos dê a chave, melhor ainda, semana que vem. Mas a casa, o lugar... —

— Não sei. Não tenho termo de comparação, quer dizer, nunca morei nesses lugares, subúrbio, sei lá, não é? — Sorrindo, ou da criança a se sacudir enquanto era enxugada, ou para ele.

— Eu gostei da ideia. — Ele não precisa explicar, ocupar um lugar dos bôeres, se até mesmo Pierre gostou de ver seu próprio clã expulso, ainda que agora supostamente todos devam morar juntos, nada de guetos, de nova classe média luxuosa, em preto e branco.

Sozinho — se é que se pode dizer isso quando aquele cujo ser é compartilhado está por perto, na cozinha ou no quarto —, não solitário, ele pergunta a si mesmo se realmente quer prolongar de alguma maneira aquela intimidade entre camaradas que significava sobrevivência na penitenciária ou no mato. Há uma resistência à nostalgia; e ao mesmo tempo autocensura. No futuro nada haverá de semelhante aos vínculos entre os membros de uma célula, os outros sempre serão estranhos.

Jake lhe passou o nome do corretor e ofereceu-se para acompanhá-los na visita à casa, mas eles preferiram vê-la sem os comentários de terceiros, e assim foram, depois do trabalho, com Sindiswa; afinal de contas, sem dar sua opinião, ela estaria sujeita a qualquer decisão que fosse tomada. Steve achou os quartos abafados: melhor tirar aquelas janelas e colocar alguma coisa mais generosa em matéria de luminosidade. Na sala havia uma lareira de tijolo vermelho, no estilo dos anos 1930, e espaço suficiente para uma mesa de bom tamanho com cadeiras, além do sofá, televisão e o resto. Uma porta de deslizar um tanto bamba,

claramente instalada para melhorar uma sala que antes era uma espécie de caixa fechada, dava para outro acréscimo, um pequeno pátio. Eles gostaram quando encontraram no final do pátio arbustos que ocultavam em parte o muro, acima do qual as árvores do vizinho davam sombra — Acácias. — Mas Jabu não estava interessada na identificação. Menino criado com todos os privilégios, Steve fora levado a viveiros de plantas com o pai, e aprendera a associar nomes botânicos a certos troncos, folhas e cascas de árvores. Jabu aprendera, em caminhadas com a avó nas florestas da Zululândia, quais frutas silvestres eram comestíveis e gostosas.

A cozinha foi uma surpresa. Ela experimentou as quatro bocas do fogão elétrico grande: nada. — É só porque desligaram a eletricidade, é claro. — Ele tranquilizava-a, abrindo armários. Pisavam com aprovação o chão ladrilhado; Jabu olhava para as prateleiras, verificando a sua capacidade. No banheiro havia um boxe além de uma banheira grande: nada mau, hein? De modo geral, a pintura estava boa, se bem que aquele tom de rosa no que parecia ser o quarto do casal fez Steve gemer. — A gente podia dar uma demão de branco por cima, eu acho... Não sei se a gente pode fazer mudanças numa casa que a gente aluga. —

Fizeram a ronda dos cômodos outra vez, de mãos dadas com Sindiswa. — Ela vai poder ter um quarto só para ela, os brinquedos e toda aquela tralha. — Jabu encostou a cabeça no ombro dele por um momento; em Glengrove Place eles dividiam o único quarto com a criança, era estranho fazer amor com outro ser vivo no mesmo cômodo; sabia-se lá até que ponto uma criança pequena percebia as coisas, talvez os gritos de prazer fossem assustadores para uma consciência ainda em formação. Testaram a porta de deslizar que dava para o pátio e trancaram a porta da frente depois que saíram, num acordo tácito.

Mas no dia seguinte, a realidade da segunda-feira, levando

a criança de carro à creche: Jabu pegava um ônibus para ir a sua escola a partir de lá, enquanto ele seguia no carro em direção à cidade. Pondo a mão sobre as chaves no bolso: — Vou lá na imobiliária acertar tudo. —

Ela recolheu os lábios por entre os dentes, seu gesto costumeiro de aceitação. Quando saiu do carro para deixar Sindi na creche, de repente beijou Steve. Voltando ao carro, seus olhos permaneciam apertados, como se ela estivesse tendo uma visão interior. Ele entendeu a expressão como: “Vamos ser felizes lá”.

As decisões sempre se reduzem a atos práticos. Era preciso dar aviso prévio ao proprietário de Glengrove, e eles ficaram sabendo que deveria ser com vários meses de antecedência. Steve negociou esse obstáculo com sucesso, e o prazo foi reduzido a um mês. Quanto à casa, Jake conhecia bem o corretor, e o aluguel não era tão mais caro que o do apartamento que eles não pudessem pagá-lo, depois que o proprietário foi convencido de que, embora a mulher fosse negra, os locatários eram pessoas de confiança que não iam encher a casa de refugiados e imigrantes ou lá o que fosse do Congo e do Zimbábue — não se pode deixar que uma propriedade seja desvalorizada por arruaças. Bem, pelo menos a condição não era ligada ao preconceito de gênero, eles não tinham que se preocupar com a possibilidade de se mudar para uma minicomunidade desse tipo. Os gays podiam aproveitar sua piscina sagrada. Algumas das coisas que quebravam o galho em Glengrove (artigos de primeira necessidade, de segunda ou terceira mão, doados por camaradas quando se mudaram para lá clandestinamente) não compensavam ser levadas para o novo endereço; era necessário comprar coisas novas, à altura da casa. Uma mesa e cadeiras para a sala — em Glengrove eles comiam na cozinha ou na mesa de centro, naquele cômodo que servia para tudo. Jabulile queria uma geladeira grande com congelador, a ser comprada com a mobília, em prestações a perder de

vista, era o que se fazia normalmente nas comunidades que ela conhecia, mas Steve estava atento para os modos como a economia capitalista lucrava, cobrando juros ocultos sobre as prestações que os pobres pagavam a cada mês. Ele compraria apenas o que pudesse adquirir à vista — essas são apenas as diferenças triviais que decorrem da origem de cada um, e que não surgem apenas num casal como aquele. As cortinas: ela conhecia uma mulher em Kliptown (uma antiga *location**), mãe de uma ou outra professora da escola, que as fazia para eles, em sua casa, cobrando muito menos do que qualquer loja de decorações. As cortinas ficaram prontas e puderam ser instaladas — Jake e Isa ajudaram, foi divertido — antes que eles se mudassem para a casa.

Na manhã da mudança, Jabulile assumiu o comando. Movimentava-se com autoridade entre os homens que manejavam as caixas de papelão que ele e ela haviam enchido na véspera, corrigindo-os quando eles ignoravam a palavra FRÁGIL bem visível, escrita em algumas delas. As críticas dela eram bem-humoradas, e ria com os homens para animá-los. O deslocamento dos objetos fazia com que tudo parecesse estranho a Steve, fora de sua concepção, como se eles nunca tivessem morado ali — ele já estava mais “em casa” na casa nova. Achou desnecessário quando Jabu fez chá para os homens da mudança, ia atrasar tudo. Mas ela pegou canecos numa das caixas, falando o idioma que tinha em comum com eles e que Steve não compreendia. Para acelerar o processo, ele interrompeu a hospitalidade de Jabu e rapidamente pegou os canecos já vazios, com um gesto cujo sentido era de que eles seriam largados ali, não valia a pena lavá-los e recolocá-los na caixa. Agora ele assumiu ares de autoridade, carregando as caixas até o elevador, pegando mais caixas na volta. Ela continuava rindo e conversando no idioma

* Bairro segregado para negros, no tempo do apartheid. (N. T.)

comum com os homens, voltando rapidamente à cozinha e ao quarto para certificar-se do que com certeza já sabia: não faltava nada, nada fora esquecido. Com a última leva, Steve espremeu-se dentro do elevador e desceu junto com as caixas, para ajudar a carregar a van. Os homens da mudança agora estavam de bom humor e trabalhavam sem pressa, discutindo onde colocar as coisas, a cama, aquelas cadeiras lá, aquela caixa equilibrada ali. Por fim, as portas duplas foram fechadas e trancadas. Steve e Jabu seguiriam atrás, com as chaves do novo reino. Ele já havia tirado o carro da garagem no subsolo do prédio de Glengrove Place, pela última vez.

O elevador estava em uso; assim, ele subiu correndo três lances de escada, três degraus de cada vez, como se tivesse voltado à infância, e exclamou ao chegar: — Vamos lá! —

Ele quase tropeçou, ela apertou-se contra o alizar da porta.

— O que é que a gente esqueceu? —

Ela fez um leve movimento negativo com a cabeça, e ele se deteve.

Não era nada que ele pudesse identificar, de que pudesse indicar a causa, perguntar o que foi seria de algum modo invasivo. Se bem que é impossível aceitar que há momentos em que a confiança da intimidade não funciona. Ela disse, de modo bem claro: — Não quero ir. — No silêncio dele, foi como se a frase tivesse sido gritada. Steve a conhecia tão bem, os pilares de suas coxas apertadas, a linha do pescoço que ele acompanhava com o rosto entre seus seios e, no entanto, não podia abordá-la no meio do que estava acontecendo. Como dizer, estupidamente: qual o problema?

É claro que ela está animada empolgada com a casa, o pátio onde vai ver a filha brincando ao sol... Ela tinha planejado com muito gosto a maneira de utilizar os cômodos, havia concordado que ele assinasse o contrato de locação. Não quero ir. Ela sabe

que a frase não quer dizer nada; os dois saem, agora é só fechar a porta e deixar as chaves com o zelador.

Nada podia quebrar aquele momento. Carregar a noiva no colo para dentro da casa era o sentido daquele abraço. Ela não chorou, mas respirou com força algumas vezes. Apertou os seios contra o corpo dele do modo costumeiro. Ele não perguntou, ela não explicou.

Deixar para trás, um salto no espaço. Sair do lugar que os recolheu num tempo em que lugar algum, nem ninguém, lhes permitiam estar juntos como homem e mulher. A vida clandestina é o segredo humano precioso, a lei não permitia, a igreja não os casava, nem a dele, para brancos, nem a dela, para negros. Glengrove Place. O lugar. Nosso lugar.

Isa, Jake e Peter Mkize os surpreenderam naquela primeira noite, trazendo o frango ensopado com champignons feito por Isa para esquentar estreado o fogão e um vinho que os obrigou a procurar as taças nas caixas da mudança. Jabu estava pondo Sindiswa para dormir sozinha no quarto que era só dela. — *Khale, Khale*, vá acostumando a menina com as coisas aos poucos. Se eu fosse você, eu continuava com a creche antiga por mais um tempo antes de passar pra que fica mais perto. — Isa, veterana do bairro, quer ajudar. *Devagar, com cuidado*. Os camaradas, até os brancos, acham expressivas as poucas palavras nos idiomas dos camaradas negros que eles aprenderam. A presença de três vizinhos no caos impessoal dos objetos fora do lugar é uma espécie de ordem. Eles dormiram bem, os novos moradores.

No domingo, alguém sacudiu o portão de ferro batido para chamar-lhes a atenção, e lá estava um dos homens-golfinhos da

piscina da igreja trazendo um vaso de hibiscos. — Oi, sejam bem-vindos à associação de moradores, que aliás não existe, mas se sintam em casa assim mesmo! — Em meio aos risos provocados pelo inesperado, convidaram o homem para tomar café, mas ele não podia ficar, estavam à sua espera para preparar uma jambalaia para o almoço, era sua vez de cozinhar. — Venham tomar um banho de piscina quando quiserem, é do tamanho de uma xícara, mas sempre refresca... À tarde, quando se cansaram de desfazer caixas, Jabu decidiu que eles deviam dar uma volta com Sindiswa, e passaram pela água onde as pessoas brincavam fingindo lutar, tal como no dia em que vieram procurar a casa de Jake. Jabu acenou com o bracinho de Sindiswa para os banhistas.